

O FLUXO DA CONSCIÊNCIA NO CONTO "A IMITAÇÃO DA ROSA" DE CLARICE LISPECTOR

Zahide L. Muzait
Universidade Federal de
Santa Catarina

Analisamos o conto "A Imitação da Rosa"(1), tendo como objetivo principal a verificação daquilo que faz com que esse conto possa ser enquadrado dentro da ficção de fluxo da consciência (*stream of consciousness*), pois, a uma leitura mais rápida, poder-se-ia hesitar em classificá-lo como tal devido à técnica empregada que não é a do monólogo interior direto e o ponto de vista que aparece em terceira pessoa.

O conto relata um momento (algumas horas) na vida de uma mulher de classe média que volta para casa, aparentemente recuperada depois de um estágio em uma clínica psiquiátrica. Sozinha, em casa, esperando pelo marido, para sair, entrega-se a uma série de reflexões e tem o eu novamente fragmentado. Quando o marido chega, a mulher não é mais ela, ou melhor, a mulher "já partira" (p. 50).

Como tudo se passa na consciência da personagem, sendo essa consciência retratada o assunto principal, classificamos o conto de ficção de fluxo da consciência. O campo com o qual se ocupa o conto é a experiência mental e a espiritual. Robert Humphrey (2) diz que "a ficção de fluxo da consciência se preocupa com aquilo que se é e não com aquilo que se faz". Clarice Lispector, nesse conto, quer formular as possibilidades da compreensão interior da verdade que só se poderia encontrar a um nível da mente não expresso. Como mostrar o processo de fragmentação de Laura, a personagem, a não ser pelo fluxo da consciência?

A autora utiliza técnicas mistas. Ora, é monólogo interior

direto, muito pouco, aliás, e sempre com a presença do narrador com suas guias de verbos dicendi, por exemplo:

"Oh, como era bom estar de volta, realmente de volta, sorriu ela satisfeita" (página 34).

Mas a quase totalidade do conto é em monólogo interior indireto que, embora dando ao leitor a idéia da presença do autor, tem todo o material representado fluindo diretamente da consciência da personagem, vindo no idioma da personagem Laura com todas as suas particularidades:

Ex.: "Com seu gosto minucioso pelo método o mesmo que a fazia quando aluna copiar com letra perfeita os pontos da aula sem compreendê-los —, com seu gosto pelo método, agora reassumido planejava arrumar a casa antes que a empregada saísse de folga para que, um vez Maria na rua, ela não precisasse fazer mais nada, senão 1º calmamente vestir-se; 2º esperar Armando já pronta; 3º o terceiro o que era? Pois é. Era isso mesmo o que faria. E poria o vestido marron com gola de renda creme. Com seu banho tomado. Já no tempo do Sacré-Coeur ela fora arrumada e limpa, com um gosto pela higiene pessoal e um certo horror à confusão. O que não fizera nunca com que Carlota, já naquele tempo um pouco original, a admirasse. A reação das duas sempre fora diferente. Carlota ambiciosa e rindo com força; ela, Laura, um pouco lenta, e por assim dizer cuidando em se manter sempre lenta? Carlota não vendo perigo em nada. E ela cuidadosa" (pág. 32).

Sublinhei as frases que, da maneira como interpretei a passagem, fluem diretamente da consciência de Laura, mulher cheia de ansiedades e que precisava repetir-se várias vezes aquilo que iria fazer para não perder-se.

Nesse conto, encontramos pouca incoerência, muito pouco de caotismo, raras frases fragmentárias, muito pouco daquilo que aparece no longo monólogo interior direto de Joana nas páginas finais de *Perto do coração selvagem*, mas há um elemento de estudada incoerência, isto é, os significados, as referências são intencionalmente vagas. Clarice usa os princípios da livre associação psicológica; assim, o conteúdo da consciência de Laura tem um conteúdo que é fornecido pelo poder que possui uma coisa de sugerir outra, através de uma associação de qualidades em comum. No exemplo acima, podemos ver isso. Laura pensa naquilo que deve fazer até à chegada do marido. A partir da sugestão de que deverá esperá-lo de "banho tomado", volta ao tempo da escola, Carlota, etc.

O título do conto — A Imitação da Rosa — é sugerido, no próprio conto, pela *Imitação de Cristo*, livro que haviam

dado a Laura, para ler na escola. **A Imitação de Cristo é a via dolorosa**, tal como o será **a Imitação da Rosa**. Para Laura, "quem imitasse Cristo, estaria perdido — perdido na luz" (p. 33). A rosa tem o sentido de perfeição, de beleza. E o mais importante, a rosa é. Laura não pode ser.

Creio que a principal razão de Clarice Lispector ter escolhido a técnica da terceira pessoa para representar o fluxo da consciência de Laura tenha sido para mostrar mais realisticamente essa personagem. Laura, mulher "marron", dominada pelos outros, cheia de indecisões e ansiedades, causadas por essas indecisões, sem opinião própria, ou melhor, não ousando ter opiniões próprias; para ela, verdadeiramente "l'enfer c'est les autres".

O problema íntimo de Laura, além daqueles causados por sua personalidade, é a ausência de filhos:

"Por acaso, alguém veria, naquela mínima ponta de surpresa que havia no fundo de seus olhos, alguém veria nesse mínimo ponto ofendido a falta dos filhos que nunca tivera? (página 32).

A perfeição, a libertação, a beleza situam-se, para Laura, na total violentação do seu eu o que a fará ficar inacessível a tudo e a todos, o que a faz ser ela mesma, longe de todos, "super-humana e tranqüila no seu isolamento perfeito" (página 35).

O conto pode ser dividido, para melhor compreensão, em partes e vai num crescendo até ao clímax e decrescendo ao final. Na primeira parte temos a personagem descrita na sua impessoalidade — casa impessoal, roupas, vidas sem cor. Na segunda parte, começam as reflexões sobre as rosas, sua beleza, seu ser, se deveria conservá-las ou dá-las a Carlota. Na terceira parte, temos a **revelação**, que Afonso Romano de Sant'Ana (3) chama de epifania. É pelo olhar que Laura vai viver esse momento de revelação. O primeiro olhar para as rosas tinha sido tranqüilo mas, pouco a pouco, aquela beleza, ou melhor, aquela existência, a choca e Laura, sentindo o perigo, pensa em desfazer-se das rosas. As considerações que ela faz de como enviá-las são suscitadas pelo medo de surpreender aos outros, pela sua insegurança em assumir-se. Subitamente, Laura "**olhou-as, viu as rosas**" (p. 42). Essa parte é o clímax da angústia, da indecisão — dá-las ou não dá-las, tê-las ou não tê-las. Aqui, as rosas já são símbolo dos filhos que não tivera:

"porque as coisas nunca eram dela" (p. 43).

"Ficou com as mãos vazias..." (p. 46).

"Mas o ponto ofendido no fundo dos olhos estava maior e pensativo" (p. 46).

Há, nessa parte, alusões ao perigo — "ia ser rápido e sem perigo" — o perigo de ser:

"Uma coisa bonita era para se dar, ou para se receber, não apenas para se ter. E sobretudo, nunca para se ser" (p. 44).

Laura, então, envia as rosas a Carlota e fica no desespero (ou seja, total falta de esperança) e, vai imitando as rosas — "Mas com os lábios secos, procurou um instante imitar dentro de si as rosas", — vai imitando a tranqüilidade, a ausência até à chegada do marido que a encontra "luminosa e inalcançável".

Como se vê, como também na maior parte da ficção de fluxo de consciência, não há propriamente um enredo, encontramos a descrição do processo de fragmentação do eu da personagem principal e participamos, na intimidade da consciência, desse processo de perda que só poderia ser apresentado com o fluxo da consciência e suas técnicas.

A dificuldade maior na compreensão de Clarice Lispector talvez esteja nesse uso do fluxo da consciência, o que faz com que ela seja sintaticamente muito coerente mas semanticamente obscura. Como diz Afonso Romano de Sant'Ana (3) "o inusitado de sua construção é apenas no sentido imagético e semântico, não na sintaxe".

Acho que podemos concluir essa breve análise citando as palavras de Bernard Berenson que Clarice colocou, como epígrafe, a seu romance **A paixão segundo G. H.**; e que estariam igualmente bem como tal para o **A imitação da rosa**.

"Uma vida completa pode acabar numa identificação tão absoluta com o não-eu que não haverá mais um eu para morrer".

NOTAS

- (1) LISPECTOR, Clarice. **A imitação da rosa** 2. ed. Rio de Janeiro, Artenova, (s.d.).
Essa edição reúne contos selecionados pela própria autora, dos contos publicados em **Laços de família** e **A legião estrangeira**.
O conto "A imitação da rosa" está em **Laços de família**, editora José Olympio mas, para o presente trabalho, usamos a edição da Editora Artenova.
- (2) HUMPHREY, Robert. **O fluxo da consciência** (s.l.) Editora McGraw-Hill do Brasil Ltda., 1976. Tradução de Gert Meyer com revisão técnica de Afrânio Coutinho.
- (3) SANT'ANA, Afonso Romano de. **Análise estrutural de romance brasileiros**. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1974.